

Psammodromus algirus (Linnaeus, 1758)

Lagartixa-do-mato

Lagartija colilarga, Large *Psammodromus*

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

A lagartixa-do-mato tem sido normalmente considerada uma espécie monotípica (Bons & Geniez, 1996; Schleigh *et al.*, 1996; Pérez-Mellado, 1998b). Contudo, Busack *et al.* (2006) propuseram recentemente a existência das espécies *P. manuelae* e *P. jeannae*, embora baseados numa evidência genética e morfológica frágil e num reduzido número de amostras. Os estudos filogeográficos realizados por Busack & Lawson (2006) sugerem, ainda, uma história evolutiva mais complexa em Marrocos do que em Espanha. Carranza *et al.* (2006a) descreveram a existência de duas linhagens que terão divergido há cerca de 3,6 Ma e se distribuem pelo Oeste e Leste da Península Ibérica. A linhagem que ocorre no Oeste ibérico pode ainda ser dividida em duas sub-linhagens separadas há cerca de 1,9 Ma, estando uma delas restrita ao Norte de África. Desta forma, e uma vez que a reabertura do Estreito de Gibraltar data de há 5,3 Ma, no final da Crise Messiniana, é possível que tenha ocorrido uma migração trans-oceânica no sentido da Europa para África (Busack, 1986; Carranza *et al.*, 2006a). Finalmente, no seio da sublinhagem que ocorre em Portugal, é ainda possível detectar uma separação entre as populações setentrionais e meridionais desta espécie que terá acontecido há menos de 1 Ma, durante as glaciações do Quaternário. Embora algumas destas linhagens mitocondriais possam corresponder às espécies descritas por Busack *et al.* (2006), a existência de uma extensa área de miscigenação no Centro da Península (Carranza *et al.*, 2006a) permite questionar a sua validade. São, por isto, precisos estudos de pormenor sobre o contacto entre estas formas antes de aceitar mudanças taxonómicas.

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

A distribuição deste lacertídeo abrange a Península Ibérica e o Sudeste de França até ao rio Ródano (Guillaume, 1997a), assim como a maior parte de Marrocos, o Norte da Argélia e o Noroeste da Tunísia (Schleich *et al.*, 1996). Foi observado nas ilhas de Conigli, em Itália, Gallitone, Aguglia, Zembra e Zembretta, na Tunísia, e Grossa e Meda Gran (embora já extinta), em Espanha (Carretero *et al.*, 1993, 2002c). Uma observação isolada em Maiorca, nas ilhas Baleares (Masius, 1999), foi recentemente

confirmada (Vicens, 2005), sugerindo uma introdução com sucesso, embora de origem desconhecida. Na Península Ibérica, encontra-se em quase todas as regiões, excepto nas de influência claramente atlântica ou eurosiberiana, incluindo os Pirinéus, a Cordilheira Cantábrica, a metade Sul da Galiza e o Noroeste de Portugal (Balado *et al.*, 1995, Carretero *et al.*, 2002c). O limite norte da sua distribuição corresponde às Rias Baixas e às bacias do baixo Minho e Sil, na Galiza, à encosta Sul da Cordilheira Cantábrica, ao Sul do País Basco e às encostas meridionais dos Pirinéus (Carretero *et al.*, 2002c). É muito comum e só escasseia ou desaparece nalgumas áreas dos planaltos castelhanos e nas regiões mais elevadas e encostas setentrionais das principais cordilheiras. Está ausente de regiões com temperatura média anual abaixo dos 8°C, e embora a precipitação não pareça ser uma limitação absoluta, escasseia quando a esta é superior a 1000 mm anuais (Carretero *et al.*, 2002c). Ocorre desde o nível do mar até aos 2400 m de altitude, na Serra Nevada (Fernández-Cardenete *et al.*, 2000), embora este limite varie com a latitude: até aos 2500 m, no Atlas marroquino, 1500 m, nos Pirinéus, e 800 m, em França (Carretero *et al.*, 2002c).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

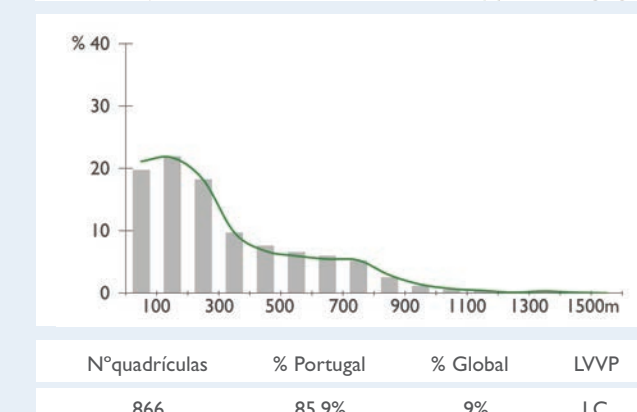
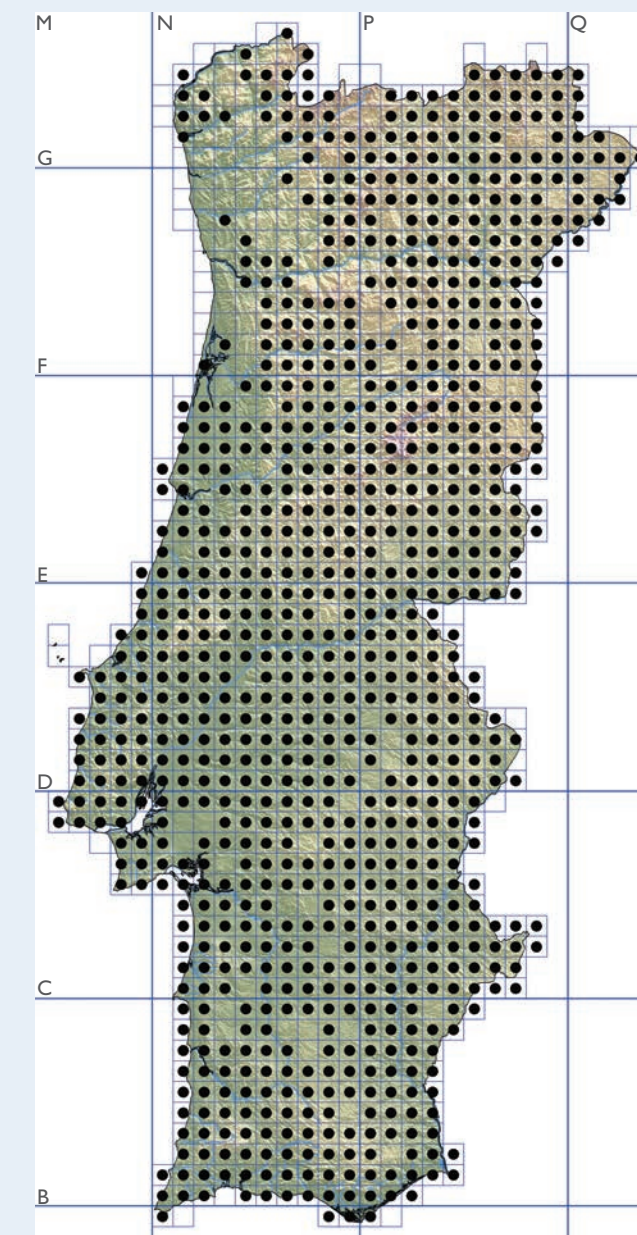
Distribui-se por todo o território de Portugal continental, excepto nalgumas áreas com forte influência atlântica, nomeadamente na região correspondente às bacias inferiores dos rios Lima, Cávado, Ave e Douro, nas encostas ocidentais da Serra do Alvão, e numa estreita franja litoral entre o rio Douro e a Ria de Aveiro. A norte desta região voltam a registar-se observações no Baixo Minho, em associação com as populações galegas, e para o interior a distribuição é praticamente contínua. Só não está presente nas partes altas das Serras do Gerês, Estrela e Malcata. Atinge o seu máximo altitudinal a 1600 m, na Serra da Estrela (Malkmus, 2004e). Na maior parte do território continental, a lagartixa-do-mato é, seguramente, o réptil mais abundante e ubíquo que pode coexistir com qualquer outro lacertídeo mediterrânico. A sua presença depende da existência de uma reduzida cobertura arbustiva (Díaz & Carrascal, 1991; Carretero & Llorente, 1997a; Carretero & Bartralot, 2000). Quando isto se

verifica, pode ocupar quase qualquer habitat não estritamente atlântico ou oro-mediterrânico. Assim, encontra-se em dunas costeiras e zonas húmidas adjacentes (Carretero & Llorente, 1997a), pastagens naturais ou artificiais, matos esclerófilos, e ainda bosques mediterrânicos com cobertura arbustiva, esclerófila, caducifólia ou de coníferas, em qualquer estado sucessional. É, também, capaz de ocupar habitats muito modificados, como pinhais de produção, margens de caminhos e culturas, e outros ecótonos. Encontra-se associada à vegetação que usa para se refugiar, procurar alimento e regular a temperatura corporal (Díaz & Carrascal, 1991; Pollo & Pérez-Mellado, 1991; Martín & López, 1998), podendo trepar até alturas consideráveis.

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

O impacto das actividades humanas sobre o habitat desta espécie é importante mas ambivalente. Por um lado, a degradação da floresta mediterrânica devido à criação de pastagens, recolha de lenha e queimadas proporciona a criação de áreas favoráveis. Por outro, o abandono recente destas actividades tradicionais nas áreas do interior e de montanha pode levar a uma redução da sua densidade. As culturas intensivas, a limpeza de matos e margens, e a urbanização estão a destruir as suas populações em amplas áreas geográficas (Santos & Tellería, 1988), tendo-se recentemente demonstrado que a crescente fragmentação do território está a diminuir a sua capacidade reprodutiva (Díaz *et al.*, 2005) e de recolonização (Díaz *et al.*, 2000). Embora nenhum destes factores ameace globalmente a espécie, é evidente que a conservação das suas populações depende de uma adequada gestão da diversidade da paisagem mediterrânica.

Miguel A. Carretero



PhG



PhG



CC